



Personas

Antonio Gerson Bezerra de Medeiros¹

Personas foi escrita, especialmente, para o espetáculo de formatura da turma BT20B da Faculdade de Artes Cênicas da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), na cidade do Rio de Janeiro. A proposta do diretor Diogo Liberano para a peça partiu da leitura do livro *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, e de composições cênicas dos alunos. Coube para cada um dos dramaturgos convidados, que incluía ainda Rosane Bardanachvili e Francisco Ohana, a escrita de duas cenas.

A proposta da cena que escrevi é a de ter uma mesma personagem sendo vivida por três atrizes, cada Beatriz representa um modo diferente de existir dessa persona. Mais do que isso, essa cena é uma ode ao ofício de atuar e, em especial, ao trabalho de uma atriz.

Personagens:

BEATRIZ

BEATRIZ (2): um modo de não existência de BEATRIZ.

BEATRIZ (3): um personagem como modo de existência.

(Para que as Beatrizes sejam reconhecidas como a mesma pessoa, sugiro o uso de uma mesma peruca ou algum outro objeto cênico em comum. Pode-se ainda prescindir dessa sugestão já que o texto dá sinais de que é a mesma mulher.)

¹ Antonio de Medeiros, nascido no Ceará em 1984 e radicado no Rio de Janeiro desde 1991, é mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Participou da coletânea de contos *Ninhos*, publicada pela Editora Patuá em 2019, da FLUP - Festa Literária das Periferias nos anos de 2017 e 2018, da antologia de contos *Contágios*, organizada pelo crítico José Castello, e da terceira turma do Núcleo de Dramaturgia Sesi Cultural Rio de Janeiro. Escreveu ainda a dramaturgia do solo *O segundo armário*, adaptado da obra de Salvador Corrêa. Email: contatoantoniomedeiros@gmail.com.

Cenário:

Três espelhos clássicos de camarim e três bancos ou cadeiras.

Um vestido de noiva pendurado num cabide. Umhas caixas de mudança.

BEATRIZ: Se eu soubesse que tudo iria terminar assim, eu não teria investido tanto nele. Se eu tivesse investido tudo em Tesouro Direto hoje eu estaria rica. *(para o espelho)* Beatriz, como você foi otária! É não é a primeira vez que eu te digo isso. E você nunca aprende! Você sempre acha que encontrou o homem da sua vida.

Mas se eu não acreditasse que dessa vez seria mesmo o homem da minha vida como eu iria me apaixonar por alguém? Viver é um constante estar apaixonado. Esse sempre foi o meu lema. E eu tenho pago, literalmente, um preço muito caro por isso.

Tudo sempre começa com tantas possibilidades e parece ir tão bem e de repente algo acontece. Eu não sei o que acontece, mas todos eles desistem. Eu faço tudo pra agradar, juro. Se ele é surfista eu aprendo a surfar, se ele gosta de esportes radicais eu começo a fazer esportes radicais, já fui vegana, já fui crente, budista, umbandista, já fiz meditação transcendental, virei motoqueira, ativista de uma ONG, passei a beber uísque, já até parei de fumar porque um deles odiava cigarro. Voltei a fumar porque o novo amor da minha vida fumava. Beber eu não consegui parar. Então, eu bebo escondido. *(Bebe um gole de uísque.)*

O ex-amor da minha vida me deixou. Disse que eu o sufocava. Como, se eu o amo? Se a minha vida é ele. Eu precisava esclarecer isso. Só podia ter outra na história. Custava dizer a verdade? Se tinha outra era muito bem escondida. Nas roupas dele não tinha cheiro de mulher. Nos bolsos nada que o denunciasse. Eu checava diariamente todas as suas redes sociais. Foi fácil descobrir a senha do Face, ele esqueceu um dia a página aberta. Difícil foi com o celular, aproveitei que ele estava dormindo pesado e segurei a mão dele, mas ele acordou no exato momento em que eu pressionava, levemente, o dedo dele no aparelho. Ele não acreditou que meu celular tinha descarregado e eu precisava pedir uma pizza e não queria acordá-lo. Pizza às 4 da manhã? Sim, pizza de aliche, quando eu minto eu repito o que digo, sim, pizza de aliche, meu amor. Como se uma mentira reforçada pudesse passar por verdade. Desejo não se explica, eu disse para ele. Eu tive que usar os meus dotes de atriz. Quem ama cuida e ele nunca iria entender que eu estava cuidando

dele, cuidando do que é meu.

Agora são 4 da manhã e eu não sinto fome. Eu comprei esse apartamento para a gente. O passo seguinte era morarmos juntos e depois casar. Eu já o tinha convencido a morar comigo. Mas ele se assustou quando viu esse vestido de noiva. Tá comprovado que dá azar o noivo ver o vestido antes do casamento. Talvez tenha sido por isso que ele desistiu. Homens não estão prontos para mulheres que sabem o que querem. Não é desespero, apenas sou uma mulher preparada. Estar pronto é tudo, Hamlet já dizia. Eu já estou pronta. Já faz tempo que eu estou pronta! Eu tenho 34 anos, meus óvulos estão envelhecendo, já era para eu estar no terceiro filho ou no segundo casamento.

Deixei o vestido na sala para tomar sol, para tirar o cheiro de naftalina. Ele chegou mais cedo do trabalho e isso o assustou. Era ele quem não estava pronto. Ele ficou mais branco do que o vestido, um homem grande daquele, apavorado com um simples vestido de noiva. Parecia até que tava vendo o próprio demo.

Eu tenho medo de engordar e perder esse vestido. Quando estou sozinha, eu gosto de experimentá-lo e passeio pelo apartamento ao som da marcha nupcial. Vou do corredor até a janela.

Foi quando descobri que estão construindo um prédio bem em frente ao meu. Demoliram o teatro. Os teatros estão sumindo nessa cidade. Eu faço TV para pagar as contas, mas eu sou bicho de teatro. Será que os teatros vão ser como as sapatarias? Vão ser todos demolidos para se tornarem pachecos, smarfits ou igrejas universais? Fizeram isso com os cinemas de rua. Há um plano maquiavélico de demolição da cultura nesta cidade e de extinção da minha profissão.

Derrubaram o teatro para construir um apart-hotel de 12 andares. O apartamento com vista para o mar não vai ter mais vista, o que vai desvalorizar consideravelmente o valor deste imóvel. A cada dia um paredão aumenta de altura. Estou sendo emparedada neste mausoléu. Outra escolha minha mal-sucedida. Talvez sobre uma nesga de mar entre os dois lados do prédio, como uma imensa cabeça sentada na poltrona da frente.

Um apartamento vazio é um deserto de almas. À noite, é ainda pior. É um silencioso cubo de treva com vista pro mar. Eu me senti tão sozinha que eu fui pra janela, um salto e seria a morte. Eu vi um navio passando pelas Ilhas Cagarras, eu gritei, fiz sinal, eu sou uma naufraga, volta!, me perdoa!, me resgata!, socorro!, não me deixa aqui sozinha!

Quem você levaria para uma ilha deserta? Eu jamais iria para uma ilha deserta, e se eu não quero isso pra mim porque eu levaria alguém comigo? Por que as perguntas são sempre as mesmas? A solidão é para os fortes. Eu não sou forte, eu preciso de público.

Então, eu recebo um telefonema de um produtor de elenco me indicando para um teste para um trabalho muito bom, enfim uma luz no fim do túnel, tinha um porém, ele me disse, eu tinha poucos seguidores no Instagram, ele disse que eu precisava comprar mais seguidores. Eu nem sabia que isso era possível, igual como quem compra banana, carne, pão, me vê 5.000 seguidores, 10.000 seguidores, gente-fantasma, comprar números. Eu tinha que comprar pessoas invisíveis para ser reconhecida. Não bastava todo o trabalho que eu já fiz, o meu registro provando a minha profissão de atriz, não importava o tanto que eu estudei até hoje, não bastava ter talento, eu precisava ter seguidores, mesmo que fossem falsos, não importava, os números passam credibilidade, como se os números não mentissem tanto ou mais do que as palavras. Eu não aceito esse tipo de mentira. Eu sou uma artista. A luz no fim do túnel era a de um carro na contramão, vindo me atropelar. Então eu recuei as minhas costas até que elas encontrassem a parede, e depois a cabeça recuou até não ter mais para onde ir. Na minha frente, uma garrafa de uísque e um vidro de calmantes e

Beatriz (2) entra de noiva e com uma caveira como bouquet.

BEATRIZ (2): Digamos que eu tomei todos os calmantes e fui encontrada morta. Sim, eu estou morta. Morta com farofa. Mortinha da Silva. Eu falo do lado de lá. Minhas últimas palavras foram: ser ou não ser eis a questão ou algo parecido. Ninguém nunca vai saber o que foi que eu disse porque eu estava sozinha. Os homens da mudança chegaram no dia seguinte e não sabiam onde colocar os móveis, a estante, eu disse para eles colocarem lá no quarto do lado do corpo, eles não conseguiam me ouvir, fiz sinais para eles irem pro quarto, que meu corpo tava lá, mas eles tampouco me viam. Finalmente, um deles entrou no quarto e me viu deitada no chão. Estou morta não está vendo? Ele tocou no meu corpo. Gelado. Ela tá morta, Jesus! E voltou para a sala gritando, os outros ouvindo o grito dele gritaram junto e saíram correndo do apartamento. Eu fiquei ali até uns homens do IML levarem meu corpo. Esses não tiveram medo e me jogaram numa maca como quem joga

numa caçamba um quilo de batata.

Temos uma relação muito ruim com a Morte. Evitamos falar dela como se assim, a ignorando, ela deixasse de existir. Bobagem, se tem uma certeza na vida é a morte. Até a Esperança mesmo sendo a última, um dia também morre. Cedo ou tarde a Morte vem nos buscar. Eu como sou ansiosa, fui até ela. Sempre tive curiosidade de saber como era o lado de lá, que é o de cá agora.

São Francisco chamava-a de irmã. Quando estava perto de morrer pediu para que o deitasse nu na terra. Lembrei também do Dias dos Finados, aqui é um feriado triste, geralmente chove, mas quando faz sol a gente vai à praia com um peso na consciência pelos mortos ou então se visita os cemitérios, o que é ainda mais triste. No México, é um dia de festa, Dia de los Muertos, faz-se banquetes, as pessoas saem às ruas vestidas de caveira, um verdadeiro carnaval. O pensamento deles é que os mortos devem ser recebidos com alegria, com comidas e bebidas.

Eu deixei instruções claríssimas para o velório e a cremação. A primeira instrução era que colocassem uma bandeira do Flamengo em cima do caixão. (*Cantarola.*) Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Eu deixei umas instruções para o cerimonial. Nada de missa que eu nunca fui católica. Nunca acreditei em nada depois da morte. Achava que morrendo caía o pano, fechavam as cortinas, e o resto era silêncio. Então, sublinhei o não quero missa de sétimo dia na minha lista.

A grande questão que eu tive em vida nunca foi existencial, mas sim “desexistencial”: ser enterrada ou ser cremada. Eu escolhia sempre não morrer. Mas como não tinha essa opção eu achei melhor ser cremada. Quem me comeu, comeu. Quem não me comeu não come mais. E isso valia também para os vermes.

Todos os convidados da lista receberam um convite em suas casas para o velório. Já deixei tudo pago, para alívio dos meus familiares. Por fim, escolhi uma música para o momento da cremação, é a faixa 6 desse CD aqui da cantora Alicia Keys, “Girl on fire”, essa mesma. (*Cantarola.*) “This girl is on fire. This girl is on fire. She’s walking on fire. This girl is on fire! She’s just a girl, and she’s on fire.”

Bizarro isso, ontem eu existia e hoje eu já não existo mais. E o mundo continua sem mim, a gente é muito menos importante do que pensa ser. São reflexões de uma morta, meus amores. O que eu tenho é passado para contar. Futuro eu ainda não posso dizer

nada a vocês. A vez de vocês também chegará. Sei, vocês estão pensando antes ela do que eu. Mas a fila anda. A morte espera sentada, deitada, se preciso. Ela é como um funcionário público numa repartição, ela não tem pressa.

Ninguém tem prática em morrer, morre-se de improviso e fica tudo tão de última hora. Eu sempre gostei de ensaiar. Ensaiar a cena da minha morte me fazia lembrar que eu estava viva. Tem vivo que tá mais morto do que vivo. Existe por pura obrigação, uma vida sem graça, anda como se arrastasse correntes, como se carregasse um anão nos ombros. Meus ombros suportavam o mundo e ele não pesava mais do que a mão de uma criança. O contrário também existe, tem morto que tá mais vivo agora que está morto.

Alguém disse: “Não morremos até que nos esqueçam.” Viver na lembrança dos que ficaram é um outro modo de existência. Enquanto eles não morrerem eu estarei viva. Nas novelas também continuarei existindo sempre que me reprisarem no Vale a Pena Ver de Novo.

Eu convidava as minhas colegas atrizes para as minhas peças e tinha umas que nunca vinham. Fiquei surpresa quando apareceram no meu velório. Teve uma com um chapéu preto imenso, parecia que estava no Jockey. Até no meu velório ela tentava roubar a minha cena.

Tinha muita gente que eu nem sabia quem era e não sei se eles sabiam direito o que foram fazer ali. Foram assistir ao meu último espetáculo. Famoso morre igual a anônimo, não tem diferença. A diferença é que aparecem alguns fotógrafos na esperança de vir alguma celebridade.

Eu mesma não esperava a presença de tanta gente. Sessão lotada. Pessoas que eu não via há tanto tempo que eu até achava que já tinham morrido e, também o contrário, gente surpresa porque jurava que eu já tinha morrido muito antes. O tempo que eu fiquei fora da TV ajudou nessa impressão. Se eu soubesse que eu era tão querida juro que não tinha morrido.

Schopenhauer dizia que se batêssemos nas lápides e perguntássemos aos mortos se eles queriam voltar à vida, eles balançariam a caveira que não. Pensando bem, eu acho que eu diria que sim. Estou com aquela sensação de ser a primeira a chegar numa festa. Eu devia ter esperado um pouco mais. Se arrependimento não mata, ajuda a acabar de matar, **mas/**

Beatriz (3) entra folheando o livro da peça A gaiivota.

BEATRIZ (3): Digamos que não tomei todos os calmantes e que procurando nas caixas de mudança os comprimidos eu encontrei o texto da primeira peça que fiz: *A gaiivota*. Nina me esperava em estado latente. Como amigas que há tempos não se viam, mas permaneciam íntimas. Como Nina quando se encontra com Trepnev no quarto ato, eu percebo que o que importa em nosso trabalho não é fazer sucesso, nem tão pouco a fama, nem nada do que eu sonhava, o que é importante é conseguir aguentar. Saber levar a cruz, e ter fé. Eu tenho fé, e assim não me dói tanto. Quando penso na minha vocação, já não tenho medo da vida.

Eu preciso tornar essas palavras minhas novamente. Eu preciso mastigá-las, engoli-las, digeri-las até que elas estejam dentro de mim. Fazer delas corpo.

Ser atriz é como arrebentar os muros duma prisão. A prisão de uma rotina que enquadra, me classifica e tenta me moldar. Eu preciso de novos olhos, novos ouvidos, uma forma de falar que não é a minha e que me vem de uma personagem. A minha prisão era a sensação de ser observada, como se os olhos do mundo estivessem sempre mirados em mim. Ao menos no palco, eu tinha certeza que não era algo da minha cabeça.

Eu desejo a liberdade de ser outro, de viver outras vidas, de ser amada. Dentro da arte do fazer de novo até encontrar o gesto exato. Por isso os franceses chamam ensaio de *répétition*. Porque se repete não para fazer igual, mas para se descobrir novas possibilidades de se dizer ou de se fazer a mesma coisa. Como Nina, eu não posso passar sem o teatro. Quando eu não estou no palco, eu me sinto oca. Isso é a minha cachaça. Eu sou porque sou outra. Eu sou sendo outra. É como se a vida real não me bastasse. Não me basta.

Só agora eu entendi a Nina. Eu também me encantei no início pelos holofotes. Toda mariposa se sente atraída pela luz. Até queimar as próprias asas. Até se dar conta do que realmente importa. Atriz serve ao personagem e não o contrário. E o quanto antes se aprende isso melhor. Só uma total entrega de si pode chegar ao outro. E chegar a outro é um caminho tortuoso, não pavimentado, o outro esse desconhecido.

A minha vocação será testada em cada “não” que eu receber. Essa é a arte da resistência e da insistência, as minhas paredes são feitas de giz, construo com uma matéria

frágil, eu. E vou esculpindo a mim mesma e meu espelho para saber se estou pronta é quem me assiste. Escolhi ser atriz porque para mim não me satisfaz outra forma de existência.

Eu tenho dificuldade para demonstrar afeto na vida real. Eu sou como um vira-lata abandonado, desconfiado da mão desconhecida que se aproxima, por não saber se virá um carinho ou uma pedra. Tantas vezes me jogaram pedras. Que tive que aprender a me desviar delas. Eu me encolho por um automático reflexo a essa mão que tenta me alcançar, depois eu inicio uma aproximação tímida, eu vou ganhando, lentamente, confiança no outro até que permito que ele faça um carinho em mim. Depois disso, eu sou o mais fiel dos cães. Como um cão orgulhoso de pertencer a alguém, mesmo que seja a um morador de rua. Eu preciso então da personagem para ser. Através dela eu descubro caminhos novos dentro de mim, sentimentos que eu nem suspeitava possuir, traduzidos por palavras pensadas e escolhidas por alguém, mas que eu torno minhas.

O meu lugar não é o do conforto nem o do glamour. É o do risco. Eu brinco de andar na corda bamba sem rede para o deleite de um público que talvez me aplauda. Eu me dispo, eu trabalho com as minhas fragilidades, fraturas expostas, porque é o modo que eu encontrei de estar no mundo. Por isso gosto tanto de me contar. Por isso me dispo de minha persona e me visto de outra. Empresto meu corpo. É preciso se desnudar para caber nesse mundo.

“A soma da vida é nula. Mas a vida tem tal poder, na escuridão absoluta, como líquido, circula.”

E transborda.

(Tira a roupa.)

Eu fico nua diante da esfinge porque sei que algo de extraordinário vai acontecer.

(Elas correm em círculo em órbitas e ritmos diferentes, mas uma órbita dentro da outra, até que formam um único círculo com um mesmo ritmo de fala e de corrida. Elas se tornam 1.)

BEATRIZES: Eu fico nua diante da esfinge porque sei que algo de extraordinário vai acontecer!

Fim

Submetido em: 12 set. 2019

Aprovado em: 28 out. 2019